

Comunicação

A atuação profissional do psicólogo e a concepção contemporânea da sociedade acerca da saúde mental

The Psychologist's Professional Performance and Society's Contemporary View of Mental Health

CARLA LUCIANO CODANI HISATUGO*

CESAR ROBERTO PINHEIRO**

Resumo

A dificuldade de atuação profissional perante a incompreensão da sociedade sobre a doença mental é uma constante e um grande desafio. O presente estudo é uma comunicação breve sobre a necessidade de entender a incompreensão social dentro de nosso contexto atual. O abismo entre a atuação profissional e a percepção social da doença é um fator importante no turbulento processo de adesão e tratamento do paciente. Quanto mais distante das informações necessárias sobre os transtornos mentais, mais debilitada fica a sociedade em sua capacidade de melhoria e busca pela saúde.

Palavras-chave: psicologia; saúde mental; transtornos psicopatológicos.

* Pós-doutora em Psicologia pelo Departamento de Psicologia da Aprendizagem, Desenvolvimento e Personalidade no Instituto de Pesquisa da Universidade de São Paulo (Ipusp). Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo.

** Doutorando em Psicologia da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista. Mestre em Psicologia (PUC-Campinas); graduação em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente do curso de Psicologia da Universidade de São Paulo, do Centro Metodista de Capacitação (Cemec) e do Instituto Psicológico de Controle do Stress (IPCS).

Abstract

The difficulty in professional practice in face of society's misunderstanding about mental illness is both a constant and a major challenge. This is a brief study about the need to understand the social misunderstanding within our contemporary context. The gap between professional practice and the social perception of the disease is an important issue in the patient's acceptance and treatment process. The greatest society's disinformation about mental disorders, the more debilitated it is in its ability to seek for improvement and health. **Keywords:** psychology; mental health; psychopathological disturbs.

A superação da compreensão inadequada dos processos psicopatológicos pelo senso comum é uma tarefa árdua. O uso laico e inadequado de termos como "neurótico", "complexado", "histérico", "louco" reforça socialmente a manutenção desta visão.

Cercado por esta concepção leiga sobre questões importantes das psicopatologias na atualidade, o psicólogo anda "na contramão" da sociedade. Esse aspecto, ao mesmo tempo desmotivador, também precisa ser constantemente lembrado, de modo a determinar a atuação do profissional. De nada adianta declarar um diagnóstico ao paciente se sua percepção, concepção e consciência sobre ele for distorcida pela ausência de conhecimento sobre a saúde e a doença na sociedade. E isso não se aplica somente aos pacientes com sintomas de alteração da percepção da realidade ou com falta de *insight* sobre elementos psicológicos e psiquiátricos presentes em seu quadro. A população em geral possui teorias populares, incoerentes e ilógicas sobre a doença e suas simbologias, tratamentos e cura, das quais, muitas vezes, fogem ao bom senso e ao mínimo de conhecimento prático da atuação do profissional da saúde.

São muitas as tentativas na direção da conscientização sobre a importância de se ter saúde, de buscar uma longevidade com qualidade de vida, da influência do estresse na doença, do custo do abuso de substâncias à sobrevivência, para mencionar alguns fatores. Entretanto, ainda estamos longe de encontrar uma sociedade que tenha consciência sobre a importância dos tratamentos dos transtornos mentais, das dependências e abusos de substâncias, dos comportamentos extremos que resultam em violência, risco e

suicídio. A psicopatologia parece ser um dos campos mais afetados pela falta de conhecimento geral da nossa população. Obviamente, não esperamos que pessoas leigas tenham o conhecimento técnico estudado arduamente durante anos para ser obtido e entendido devidamente, analisado e assimilado. Mas o outro extremo, a ignorância como panorama social, repleta de preconceito e distorções, somente diminui as chances de adesão ao tratamento adequado de transtornos psicopatológicos.

As confusões da população sobre as doenças psicopatológicas são inúmeras. As receitas caseiras para tratamentos de transtornos psicopatológicos muitas vezes são preferidas ao tratamento psicoterápico e farmacológico – já constatados como infinitamente mais efetivos, mesmo considerando os efeitos de placebos.

Mesmo assim, percebe-se alguma evolução neste quadro. Ainda que estejamos submersos em opiniões preconceituosas sobre a saúde e a doença no presente contexto, tudo já foi muito pior. A exemplo disso, lembra-se da existência passada de instituições de isolamento da loucura, como maneira de contenção e tentativa de extinguir a doença; as técnicas de lobotomias, os modos extremos e incoerentes de confortar a população por meio do isolamento, confinamento, punição e tortura dos doentes mentais. Atuações aceitas e vistas de modo brando durante muito tempo em nossa sociedade estiveram aliadas, muitas vezes, ao contexto ditatorial político ou eugênico e excludente. Estas técnicas, vindas de profissionais da saúde, possuíam um caráter profundamente político-social amparado por teorias já ultrapassadas sobre a percepção da saúde e da doença. Neste histórico, marcado por tantas más lembranças e momentos, há um contínuo de uma consciência social sobre a necessidade de livrar-se do diferente. No caso, o diferente é, muitas vezes, o paciente com transtorno mental, desprovido de ferramentas psíquicas necessárias ao convívio social considerado adequado, aos relacionamentos afetivos saudáveis, ao controle de sua impulsividade e agressividade imperantes em seus comportamentos – na maior parte dos casos.

Acolher o paciente com transtornos mentais nunca pareceu ser uma preocupação social, ainda que se possam ver alguns indícios na sociedade de comportamento empático ao sofrimento alheio. Os conceitos sociais de depressão, ansiedade, transtorno do pânico,

esquizofrenia, entre outros, fogem aos princípios sintomáticos. São tidos como anomalias comportamentais, passíveis de linchamento social, agressão verbal, sátira, isolamento, entre outros. A falta de compreensão sobre o acolhimento e tratamento necessários ao paciente, sobre a empatia e valorização do sofrimento presente em sua genuína forma, é o principal fator a ocasionar o aumento do sofrimento psicológico de pessoas com transtornos mentais. A incompreensão social sobre o comportamento errático de pacientes bipolares e esquizofrênicos acarreta maior deterioramento do conceito destes distúrbios – sem contar os casos envolvendo aspectos jurídicos, crimes, atentados, entre outros.

Neste contexto, caminhamos com atuações profissionais totalmente discrepantes ao esperado por nossa sociedade. Em tempos de ostentação individual e coletiva, de simulação de saúde e bem-estar, muito presentes em redes sociais virtuais e reais, o profissional da saúde rema contra a maré. É necessário que este profissional mantenha uma postura discreta, mesmo perante a exigência constante de explicitação de detalhes mínimos da vida individual e de banalidades do cotidiano – contexto normalmente encontrado em meios sociais. O profissional precisa optar pelo sigilo em uma sociedade de pessoas que se expõem em mínimos detalhes, muitas vezes sem perceber o quão desnecessária e pouco saudável são tais exposições.

O profissional da saúde é questionado pela sociedade acerca de tudo o que nela ocorre: os fenômenos estranhos, os comportamentos bizarros, as lendas urbanas e outros tantos fatores sociais. Muitos destes aspectos não podem e não deveriam ser respondidos de imediato sem uma grande reflexão sobre eles. Sem uma ponderação sobre os inúmeros âmbitos envolvidos, o sofrimento psíquico existente não deve ser mencionado. Entretanto, mesmo se ocupando de tentar responder sobre os efeitos da psicopatologia na sociedade, o profissional da saúde muitas vezes passa despercebido. Isto ocorre pelo fato de que sua verbalização técnica é não apenas incompreendida, mas também distorcida e usada indevidamente. Esse distanciamento do profissional da saúde para com a sociedade deteriora também as possibilidades de melhoria de muitos quadros pela falta de adesão aos tratamentos adequados. A incompreensão sobre os processos de tratamento, sua necessária lentidão em muitos

momentos e seus altos e baixos na melhoria do quadro patológico ocasionam também outro distanciamento da sociedade para com o profissional.

A necessidade social contemporânea evoca o imediatismo, a melhora mágica e a ilusão sobre a presença de sintomas de modo deliberado pelo paciente. Estes aspectos, somados ao preconceito em relação ao doente mental, ocasionam uma frieza social ao sofrimento psíquico. Os resultados sobre a possível frieza da sociedade perante importantes sintomas psicopatológicos e sua preocupação com banalidades, novamente, dificultam a atuação profissional.

Outro aspecto que reflete a incompreensão social sobre os transtornos psicológicos é o atual modelo de religião de mercado. A cultura presente neste modelo de religiosidade fomenta socialmente uma espécie de “solucionismo” mágico. Por ser distorcida, acentua mais o surgimento de patogenias do que atitudes salogênicas, reforçando a falta de entendimento social quando tais patologias são “demonizadas”.

Ainda não se superou, socialmente falando, a mentalidade maniqueísta que coloca, de um lado, os “normais”, e de outro, os “anormais” indicando a patologia. Em parte, a culpa é do conhecimento científico, responsável por hipóteses diagnósticas construídas a partir das patologias, e não da sanidade. Aqui, a doença acaba tendo primazia sobre a saúde.

Os transtornos de humor e afetivos – depressão, ansiedade, transtornos somatoformes, transtornos de pânico – são interpretados, muitas vezes, como preguiça, falta de bom senso, tentativas de fugir das obrigações, falta de força de vontade, ingratidão, escolha por sofrer. São inúmeras as teorias populares apresentadas como solução imediata aos transtornos mentais: ter força de vontade e não querer estar doente. Como se os sintomas psíquicos fossem deliberadamente existentes, como se o embotamento afetivo fosse proposital, como se a falta de volição fosse falta de vitamina no sangue. E assim por diante.

Os transtornos cognitivos – como o transtorno obsessivo-compulsivo e a esquizofrenia – e os transtornos de personalidade – a exemplo da personalidade *borderline* – são constantemente marginalizados socialmente, mesmo na ausência de manicômios de modo

legalizado. O sofrimento destas pessoas é visto como algo inexistente, indevido, perturbador. Os termos utilizados pela ciência médica são confundidos no contexto social; alguns exemplos disso são os termos “mania”, “pânico”, “volição” e “evolução” – termos estes muitas vezes distorcidos do contexto de saúde e doença. A falta de informação acarreta um maior distanciamento entre os propósitos e metas profissionais de busca pelo tratamento adequado.

Compreender a incompreensão social sobre a doença faz parte da atuação profissional: permite a abordagem mais direcionada à população carente de informações adequadas e proporciona uma melhor percepção do prognóstico e da possível adesão ao tratamento. Conscientizar-se profissionalmente sobre a importância de “remar contra a maré” torna-se, neste sentido, a única maneira de contribuir com a atuação e cuidado profissional em nossa sociedade contemporânea.

Endereço para correspondência:

cesar.pinheiro@metodista.br

carla.hisatugo@metodista.br

Recebido em: 04/03/2014

Aceito em: 13/07/2014